

“Estabilizar a moeda não é tão difícil”

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

Estabilizar a moeda, reduzir os impostos, respeitar os direitos de propriedade e facilitar a criação dos novos negócios foi a receita que o magnata das comunicações norte-americano Malcolm Forbes Jr. deu ao Brasil, em palestra feita ontem na Câmara Americana de Comércio.

Para ele, a tarefa não é tão difícil como dizem. “Se a Argentina conseguiu, qualquer país pode fazê-lo. Por que não o Brasil?”, repetiu várias vezes, sugerindo que o País poderia adotar diversos modelos de estabilização já utilizados para tornar a “moeda saudável”, como o “currency board” de Hong Cong e Cingapura, o plano de convertibilidade argentino, o sistema de desvalorização gradual mexicano, a vinculação da moeda a uma cesta, como fez a Itália, e até mesmo os “assets bonds” (obrigações vinculadas aos ativos) lançados pelos Estados Unidos no passado.

Forbes ressaltou que a história e a situação de cada um desses países são diferentes, “mas deve-se pegar o que se oferece e aproveitar o que é possível”, afirmou, lembrando o exemplo da indústria automobilística japonesa que aprendeu com a norte-americana e fez veículos melhores e mais baratos.

A redução dos impostos, explicou, é necessária porque os impostos mais altos têm impacto direto nos preços e levam à economia informal. “O Brasil poderia crescer bastante apenas se incorporasse parte da economia informal”, disse, revelando conhecimento da situação brasileira.

A estabilização é necessária, disse, para que o Brasil “dê um salto para a frente” e seja modelo de “sucesso e liberdade”; e estimule os investimentos necessários para melhorar a situação das classes mais pobres. “Aos governos cabe estender as redes de segurança, construir estradas. Mas ele não tem capital para construir fábricas” e empregar pessoas.

REPRESÁLIAS

A sua receita inclui o respeito aos direitos de propriedade, intelectual e física. Para ele, é real a possibilidade de os Estados Unidos aplicarem no Brasil represálias em função do descontentamento com a lei de propriedade intelectual. “As sanções são política-

mente necessárias porque as mesmas pessoas que estão investigando o assunto também estão negociando com o Congresso norte-americano a aprovação do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA). E elas precisam demonstrar que vão fazer a lei ser respeitada”, argumentou.

Observou, porém, que as represálias deverão ser de

pouca monta, embora anunciadas com alarde. “O latido será maior do que a mordida”, comparou.

John Edwin Mein, vice-presidente executivo da Câmara Americana de Comércio, que jantou na noite da terça-feira com políticos de cinco partidos, acredita no aperfeiçoamento da lei brasileira de patentes. “A legislação é um passo adiante, mas não é a me-

lhor, quando comparada com a de outros países. Por isso, deixa a desejar”, afirmou, acrescentando que é necessária para proteger os inventos brasileiros e atrair capital externo.

Forbes Jr. falou também sobre a política econômica norte-americana e suas implicações para o Brasil, e um pouco sobre suas atividades editoriais (ver matéria sobre a revista Forbes,

na página 36). Ele normalmente ganha US\$ 25 mil por conferência, mas, desta vez, não cobrou nada, segundo um membro de seu “staff”. Veio em seu próprio Boeing 727, verde e dourado — as cores da empresa, que simbolizam o ouro e o dólar.

O presidente da Forbes, que colaborou nos governos Reagan e Bush como supervisor da Radio “Free

Europe” e Radio Liberty — serviços de difusão de informações para a Europa —, está pessimista com a economia norte-americana. Para ele, a recuperação de janeiro e fevereiro foi prejudicada pelas incertezas criadas pelo pacote fiscal de Clinton e da reforma do sistema de saúde. “Impostos maiores significam preços mais altos”, repetiu.